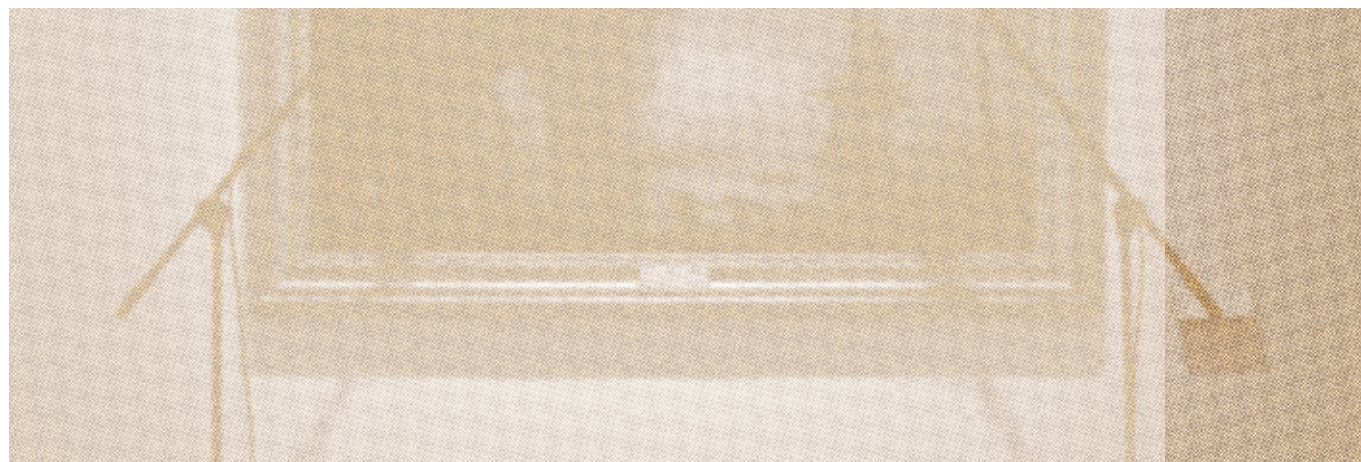


A construção de uma comunidade de prática e de investigação em museologia: o papel das publicações.¹

Ana Carvalho



1 | Este texto tem o apoio dos Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto UID/HIS/00057/2013.

Uma forma de avaliar a evolução de um determinado campo de estudos é a análise das suas publicações. Poderíamos avançar dizendo que a Museologia enquanto campo de trabalho e de estudo evoluiu em Portugal se atendermos a um tempo mais longo. Independentemente de outros factores, esta evolução não está desligada da passagem da formação em Museologia para o domínio das universidades no final da década de 1980² e posterior acentuado crescimento nas décadas seguintes levando a que a oferta de cursos (pós-graduação, mestrado e, mais recentemente, doutoramento) nesta área proliferasse desenfreadamente, fenómeno que só veio a ser moderado com os efeitos da crise pós-2008³. Este desenvolvimento foi catapultado pela necessidade de formação de profissionais face ao *boom* de museus criados pós-1974, fenómeno que não foi exclusivo do caso português e que permanece em crescimento. Dados de 2010 revelam a existência de 1223 museus em Portugal, correspondendo a um aumento de 68% relativamente a 2000 (Neves, Santos e Lima 2013).

A intervenção das universidades no plano formativo veio, assim, preencher uma lacuna. O curso de conservadores de museu no Museu Nacional de Arte Antiga havia funcionado até 1974. Mais tarde, teriam impor-

2 | Ainda antes da criação de pós-graduações e mestrados, o ensino em Museologia já havia sido introduzido sob a forma de uma cadeira no curso de Ciências Antropológicas e Etnológicas do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina no ano lectivo de 1970-1971, sendo interrompida entre 1973-1974, e, mais tarde, retomada na licenciatura de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A este propósito refira-se o papel do antropólogo Ernesto Veiga de Oliveira (subdirector do Museu de Etnologia entre 1965 e 1973). A iniciativa foi introduzida pelo antropólogo Jorge Dias, mas coube a Veiga de Oliveira a regência da cadeira e o seu desenvolvimento (Pereira 1989).

3 | Para o ano lectivo de 2010-2011, Vaquinhas (2013) identificou a existência de uma oferta de 12 cursos de formação em Museologia ao nível de pós-graduação e mestrado em universidades portuguesas públicas e privadas, um número claramente assimétrico em função da escala do país e (*das necessidades*) do sector museológico. Todavia, analisada a oferta existente para 2016-2017 o número decresceu para apenas sete cursos de mestrado, registando-se, ainda assim, uma oferta assinalável.

tância outras iniciativas formativas, nomeadamente os cursos coordenados pelo Instituto Português do Património Cultural (IPPC), entre 1981-1982 e 1984-1985, e o curso coordenado pela Associação Portuguesa de Museologia (APOM) e pelo Instituto de Formação Profissional na Escola Superior de Belas Artes, entre 1988-1990 (Semedo 2004), mas a sua existência seria efémera.

Mas de que forma é que este percurso se reflectiu na criação de espaços de reflexão, debate e divulgação sobre experiências e práticas em Museologia e sobre museus por parte de uma comunidade profissional e académica (também esta em construção)? Assim sendo, procurámos neste texto centrar a atenção no papel das publicações nesta área, como tem evoluído, em que moldes se tem produzido, que iniciativas e actores. Não se pretende com esta resenha um retrato exaustivo, mas sobretudo assinalar algumas dinâmicas e tendências, fragilidades e perspectivas.

Independentemente de publicações anteriores, a *Iniciação à Museologia* (Rocha-Trindade 1993), uma iniciativa promovida pela Universidade Aberta, marca indelevelmente a paisagem das edições nesta área, como sendo o primeiro manual do género em Portugal. Quantos de nós não tiveram a sua aproximação à Museologia por via deste livro? A sua concretização consubstanciava a urgência de disseminar um saber-fazer que estava ainda circunscrito a uma «pequena franja de especialistas, de estetas ou de curiosos iluminados», era «necessário proceder a um longo trabalho de sensibilização, de qualificação, de formação especializada de todos aqueles cujo empenhamento dedicado ou vocação segura terão responsabilidades em matéria museológica», como advertia a antropóloga Rocha-Trindade (1993, 17-18). O investimento na qualificação da formação e na disseminação do saber aplicado a museus afirmavam-se como palavras-chave

para alavancar o promissor desenvolvimento dos museus que se perspectivava na década de 1990. A criação, em 1991, do Instituto Português de Museus (IPM), um organismo público vocacionado para os museus e para a aplicação de políticas museológicas era mais um sinal inequívoco deste fulgor.

É, todavia, na década de 2000, que se denotam mais desenvolvimentos por via da publicação e criação de espaços de disseminação, esboçando um pensamento mais estruturado do e sobre o sector. E a marcar o início da década de 2000 refira-se a publicação de um número temático da revista *Museologia* (edição da Associação Espanhola de Museólogos) inteiramente dedicado aos «*Museos y Museologia en Portugal: Una Ruta Ibérica para el Futuro*». Coordenado pela museóloga Maria da Luz Nolasco Cardoso (Museu de Aveiro), este volume propunha um balanço sobre o passado e o futuro dos museus, e uma perspectiva sobre as políticas museológicas desenvolvidas no país.

Em termos de periódicos, uma das iniciativas editoriais que ofereceu maior sistematização e coerência de conteúdos, bem como longevidade, foi o *Boletim da Rede Portuguesa de Museus* (2001-2011). Ancorado ao projecto de criação da Rede Portuguesa de Museus - RPM (criada em 2000), o boletim, de cadência trimestral (impresso e digital), visava a partilha de ideias sobre as práticas museológicas portuguesas, dirigindo-se aos profissionais de museus. Iniciado sob a coordenação de Clara Frayão Camacho, foi ao longo de dez anos um canal de comunicação estruturador de informação sobre a actividade museológica desenvolvida durante este período, colmatando a ausência de outros instrumentos de comunicação e de divulgação do sector de maior alcance.

Se atendermos ao campo associativo, a promoção de canais de divulgação junto dos seus associados era

nos inícios de 2000 ainda incipiente e tem tido ao longo das últimas décadas compassos desiguais. Há, no entanto, a destacar a iniciativa da APOM com a criação de uma revista semestral (impressa) em 2003 - *Lugar em Aberto*, dando continuidade a boletins anteriores. Coordenado por António Nabais, este número organizava a reflexão em torno das funções museológicas: o serviço educativo, a exposição e a programação, e perspectivava continuar a fazê-lo nos números seguintes, explorando temáticas como a investigação, o inventário e a conservação preventiva. Todavia, este seria o único número publicado. Apesar disso, em o *Lugar em Aberto*, confirma-se a preocupação na divulgação de textos que pudessem ser referenciais para as áreas em foco, na qual se centra a estrutura da publicação, afastando-se de um boletim de mera divulgação da actividade associativa *per se*, que é neste caso residual. Assume particular destaque a introdução de uma secção destinada a elencar as dissertações e teses “com interesse para a Museologia” realizadas até essa data em universidades portuguesas e estrangeiras, o que evidencia desde logo a importância de sistematizar informação.

Ainda no campo associativo é de notar o contributo da Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Museus (ICOM Portugal), ainda que com fases distintas em função das dinâmicas imprimidas pela gestão de diferentes direcções. A primeira série de um boletim surge em 2002 (termina em 2005), sob a direcção de João Castelo-Branco Pereira, então presidente da associação. Tratava-se de um boletim semestral impresso distribuído pelos membros do ICOM Portugal, de pequena escala e de carácter informativo sobre a actividade desenvolvida. Após um interregno de três anos, surge em 2008 uma nova série trimestral do boletim (*Informação ICOM PT*) que se manteve regular até 2014, compreendendo 24 edições exclusivamente

em formato digital. Editado pela museóloga Maria Vlachou, a estrutura do boletim foi reformulada e alargada consideravelmente relativamente à primeira série, continuando a veicular informação de carácter associativo, mas abrindo espaço para a apresentação de conteúdos mais diversificados com a introdução de várias secções novas, nomeadamente espaços de opinião (“Artigo”, “Opiniões”, “Entrevista com”, “Novos, Recentes e Renovados”, entre outras). Ainda em 2014, surgiu uma terceira série (*Boletim ICOM Portugal*) que se manteve regular até 2017 com um total de oito números publicados. O boletim, editado pela museóloga Ana Carvalho, seguiu no geral a estrutura da série anterior, mas foi ampliado. Cada número passou a estar subordinado a uma temática, foram criadas novas secções (“Mensagem do Presidente”, “Museus & Pessoas”, “Breves”, “Notícias ICOM”) e foi introduzida a possibilidade de chamada de propostas para conteúdos, flexibilizando o sistema de contribuições⁴.

No geral, quando analisamos a edição periódica por parte das associações profissionais há pelo menos dois aspectos que têm condicionado a sua acção que gostaríamos de destacar. Um deles refere-se ao facto de a criação de instrumentos de comunicação com os associados não ser assumida como eixo central e prioritário da sua actuação, mas sim como dimensões suplementares ou secundárias. Esta situação não está desligada da ausência de uma dinâmica associativa de maior fulgor, quer da parte dos seus dirigentes (e de visão), quer da parte dos associados. Por outro lado, a edição de boletins ou instrumentos similares de divulgação tem-se desenvolvido numa base de voluntariado por parte de quem os produz e os mantém. Isto significa, consequentemente, um resultado muito variável, em termos da qualidade dos conteúdos como do grafismo, geralmente alicerçado em função da capacidade e da



4 | No campo associativo deve ser também referida a revista *Museu* editada pelo Círculo Dr. José de Figueiredo (grupo dos Amigos do Museu Nacional de Soares dos Reis), que continua a ser publicada (1942-).

motivação da pessoa (ou equipa) que os produz. Note-se que este é um serviço que não é pago a quem o produz, e que está muito dependente da generosidade e da disponibilidade de cada um (geralmente fora das horas de trabalho). Assim, a necessidade de maior profissionalização neste campo é fundamental para uma desejável evolução da acção editorial periódica associativa com potenciais ganhos para um maior impacto e consolidação da vida associativa e para os profissionais de museus.

A revista *Museologia – An International Journal of Museology*, criada em 2001 foi o primeiro periódico a afirmar-se como revista científica neste domínio em Portugal. Editada pelo Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, seria coordenada por Fernando Bragança Gil (então director do Museu) e por Marta C. Lourenço, na qualidade de assistente editorial. Publicava textos científicos em português, francês e inglês ligados à *Museologia* das ciências e das técnicas, seleccionados mediante um processo de arbitragem científica, e tinha um enfoque internacional como se verifica pelos conteúdos publicados e como atestava a composição do conselho editorial. Foram publicados três números, sendo que os dois últimos volumes (2002 e 2003) foram dedicados à edição das actas da primeira e segunda conferência do UMAC (Comité Internacional do ICOM para os Museus e Coleções Universitárias) que se realizou em Sidney e Canberra (2002), e em Barcelona (2001). Seria necessário esperar mais dez anos até surgir uma nova revista científica dedicada à *Museologia* em Portugal: a MIDAS – *Museus e Estudos Interdisciplinares*, já num contexto diferenciado de acesso aberto e de arbitragem científica sob duplo anonimato, de que falaremos mais adiante.

Da parte dos organismos com responsabilidades em matéria de políticas museológicas, é apenas na segun-

da metade da primeira década de 2000 que assistimos ao aparecimento da primeira revista especializada em museus, a *Museologia.pt*⁵. Da responsabilidade do então recém-criado Instituto dos Museus e da Conservação, esta publicação impressa de cadência anual, coordenada por Clara Frayão Camacho (então subdirectora do Instituto), veio colmatar a ausência de uma publicação especializada em museus num contexto mais institucional e de abrangência nacional. Ainda num sistema fechado de contribuições, a revista incluía um conselho editorial composto por representantes de várias universidades e de museus. De 2007 a 2011 foram publicados cinco números organizados em torno de cinco secções principais: “Projectos e Experiências”, “Exposições”, “História e Memórias”, “Dossier” (temático) e “Internacional”. No entanto, o novo ciclo político que levou à reestruturação e à fusão de organismos públicos na administração central, acabaria por ditar o fim do projecto editorial. Já sob a égide da recém-criada Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC) seria lançada em 2013 uma nova publicação institucional, a RP – *Revista Património*. De certa forma, a RP sucedeu a dois projectos editoriais anteriores distintos, a *Museologia.pt* e a revista *Estudos/Património*, editada pelo antigo Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – IPPAR, e depois Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico – IGESPAR; 2001-2011), daí resultando uma única revista de perfil multidisciplinar. A RP segue no geral algumas das características dos projectos anteriores: impressa (agora editada em parceria com a Imprensa Nacional-Casa da

5 | Nos anos 1980 deve ser referida a publicação de alguns números da revista *Bibliotecas, Arquivos e Museus* editada pelo Instituto Português do Património Cultural e para o mesmo período e até à década de 1990 note-se a publicação de *Património* e *Museus Locais* da responsabilidade editorial do Instituto Rainha D. Leonor (Camacho 2007).



Moeda), de cadência anual e em sistema fechado de contributos. Dirigida pelo arquitecto Manuel Lacerda (chefe de divisão de Documentação, Comunicação e Informática), e coordenada pela historiadora Deolinda Folgado (chefe de divisão do património móvel, imóvel e imaterial), a revista incorpora o papel de dar conta da

obra feita, a divulgação das suas actividades e o pensamento que molda a política oficial para o património. A incorporação de contributos externos à DGPC é um aspecto que beneficia a publicação, assim como os aportes de colegas espanhóis, o que parece sugerir o compromisso com o trabalho em rede. A publicação reproduz, em certa medida, o peso dos diferentes sectores de intervenção (Arquitectura, Arqueologia, Património Cultural – material e imaterial –, Conservação e Restauro, Museus, etc.) no seio deste organismo. E embora os museus façam parte do alinhamento de temas, a necessidade de abranger todas as áreas numa só revista resulta num espaço de menor expressão para cada uma delas.

Ao nível dos periódicos são ainda de assinalar dinâmicas editoriais emanadas do contexto regional - as revistas *Musa* e *Museal*, que apesar da sua transitoriedade dão conta da necessidade sentida na criação de espaços que pudessem evidenciar e divulgar estudos e experiências na área dos museus num contexto territorial mais delimitado. A revista *Musa: Museus, Arqueologia & Outros Patrimónios* surgiu em 2004 com a chancela do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, entidade assumida como a primeira rede de museus de carácter regional, sendo o periódico instrumental para validar a ideia de projecto comum aos diferentes municípios do distrito de Setúbal. Coordenada por Joaquina Soares (Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal), a publicação dividia-se pela temática dos museus e outras áreas afins, com textos de qualidade diferenciada, onde se incluem alguns contributos assentes na divulgação da investigação produzida e outros de carácter mais informativo sobre as características da realidade museológica em causa. Pensada inicialmente com uma periodicidade anual, a revista publicaria

apenas três números e de forma irregular (2004, 2007 e 2010). É de notar, contudo, a capacidade aglutinadora de um projecto editorial como este, baseado na cooperação institucional em benefício dos interesses partilhados de profissionais e museus/instituições, ultrapassando a agenda individual de cada município.

A revista *Museal* foi uma iniciativa promovida pelo Museu Municipal de Faro entre 2006 e 2009, com uma abrangência regional, mas, em grande medida, de interesse nacional. Coordenado por Dália Paulo, à época directora do museu, o periódico (impresso) tinha cadência anual, tendo sido publicados quatro números temáticos: «A Realidade Museológica no Algarve: Perspectivas para o Séc. XXI» (2006); «Conservação Preventiva: Prevenir para Preservar o Património Museológico» (2007); «Museus de Fronteira: Fronteira e o Museu» (2008); e, finalmente «Núcleos Museológicos: Que Sustentabilidade?» (2009), este último resultando, na sua grande parte, da publicação das actas do encontro com o mesmo nome que teve lugar em Faro, em 2008.

Mais recentemente, refira-se o lançamento da revista *Argos*. Com edição do Museu Marítimo de Ílhavo (desde 2013) é um projecto editorial que ultrapassa o contexto local ou regional para se afirmar como revista temática ligada à cultura marítima, com olhares nacionais mas também internacionais (além de em português, publica textos em inglês, francês e espanhol), apesar de intrinsecamente associada ao projecto cultural do próprio museu (de tutela municipal). Álvaro Garrido, coordenador do periódico e director do museu explica, assim, as motivações que levaram à sua criação: «Embora o campo institucional da museologia marítima não exista em Portugal, importa construir redes, partilhar os melhores projectos, exaltar as experiências mais incrustadas nas comunidades e destacar as organizações que mobilizam conceitos criativos em torno

dos patrimónios marítimos» (Garrido 2015, 5). A revista é impressa, de periodicidade anual e funciona em regime fechado de contributos, tendo publicado quatro números. Embora a revista não se cinja estritamente à Museologia, aporta o contributo de várias áreas de estudo, estimulando à formação de um espaço de debate e reflexão sobre os desafios neste campo específico de análise - os museus ligados à cultura marítima.

Não obstante os constrangimentos mais específicos de cada projecto, com frequência se manifestam dificuldades em manter este tipo de publicações, levando ao não cumprimento da sua regularidade e até mesmo ao seu desaparecimento, problemas que não são muito diferentes de iniciativas similares noutras áreas. Refira-se a (in)sustentabilidade dos projectos, geralmente em estreita dependência do apoio da administração local (ou de outras escalas da administração) e vulneráveis aos seus ciclos políticos, a incapacidade de distribuição nos circuitos comerciais (o que é o caso dos últimos periódicos referidos), a ausência de mecanismos de promoção e divulgação relativamente aos próprios periódicos, mas também a dificuldade de continuamente alimentar com massa crítica as linhas editoriais propostas, tratando-se a Museologia de um campo relativamente jovem e em construção, ao mesmo tempo respeitante a uma pequena comunidade de profissionais e investigadores. Os dados disponíveis não permitem um panorama suficientemente abrangente e actualizado, mas de acordo com estatísticas de 2009 verifica-se a existência de 6284 pessoas a trabalhar em museus (compreendendo todos os tipos de funções, desde as administrativas, de segurança, de acolhimento, de limpeza, aos conservadores e outros técnicos com formação académica), o que corresponde a uma média de dez pessoas por museu. Todavia, se restringirmos a amostra do pessoal ao serviço nos museus à



categoria de “conservador/técnico superior” a média reduz-se para apenas três por museu (Neves, Santos e Lima 2013, 59).

A acção editorial por parte de museus também não é despiciente. O aparecimento de boletins ou outros formatos de divulgação assume um crescendo nas duas últimas décadas, geralmente centrados na divulgação de estudos sobre as colecções e/ou património sob a sua tutela, sendo, no geral, centrados no projecto cultural de cada museu. Todavia, no cômputo geral são igualmente marcados pela irregularidade e pela disparidade de conteúdos. Não sendo objecto de análise mais aprofundada neste texto, podem, no entanto, ser referidos alguns exemplos: o *Boletim Trimestral do Eco-museu Municipal do Seixal* (2005-2011), o *Cenáculo* –

Boletim on-line do Museu de Évora (2007, 2007, 2008, 2010), ou ainda os *Cadernos do Museu* (2015-) da responsabilidade do Museu da Ruralidade. Por outro lado, não se ignora o investimento na edição de catálogos de exposições que se foi afirmando como uma das vias privilegiadas, não raras vezes a única via, de divulgação do estudo de colecções e do trabalho de investigação produzido em museus.

É sobretudo na última década que assistimos a um posicionamento mais vincado da edição por parte das universidades com cursos de Museologia. Esse (re)posicionamento e novas dinâmicas daí advindas estão directamente relacionadas com a evolução da própria formação, cuja oferta se passou a estender também para cursos de doutoramento (3.º ciclo). Se o crescimento da oferta da formação pós-graduada em Museologia está ligada ao enquadramento legislativo sobre a carreira nos museus que a partir de 2001 passou a exigir uma pós-graduação ou mestrado para acesso ao lugar de conservador de museu (cf. artigo 3.º do decreto-lei n.º 55/2001), a oferta de cursos de doutoramento⁶ está relacionada com as dinâmicas das próprias universidades, estimuladas ao crescimento por via da oferta de terceiros ciclos em Museologia⁷. Face a esta evolução, uma das consequências notadas refere-se a um processo mais evidente de diferenciação por parte de cada

6 | Para o ano lectivo 2015-2016 estavam disponíveis pelo menos cinco doutoramentos ligados à Museologia em Portugal: Universidade Lusófona, Universidade do Porto, Universidade de Évora (História e Filosofia da Ciência, especialização Museologia), Universidade Nova de Lisboa (História da Arte, especialidade em Museologia e Património Artístico) e ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, juntamente com Universidade Nova de Lisboa (Antropologia: Políticas e Imagens da Cultura e Museologia).

7 | Porém, note-se que antes da criação de cursos de doutoramento em Museologia eram já produzidas teses de doutoramento portuguesas na área da Museologia desde os anos 1990, quer em contexto académico português, quer no estrangeiro.

universidade em dar visibilidade à produção científica dos seus “alunos – investigadores”. Este fenómeno também se enquadra na reorganização das políticas científicas nacionais (de algum modo em resposta à crise) de estímulo à “competitividade” e à avaliação da *performance* dos centros de investigação associados à formação ministrada (mestrados e doutoramentos). Neste contexto, destacamos o caso da Universidade Nova, da Universidade do Porto e da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Quanto à Universidade Nova de Lisboa, refira-se a edição, em 2011, do número temático «Museus e Investigação» (n.º 8) da Revista de História da Arte do Instituto de História da Arte. Este número reúne, na sua maioria, artigos assentes nas investigações em curso no seio da linha de *museum studies* (MuSt) deste centro de investigação. Para além de um núcleo de artigos, a publicação dá enfoque a textos sobre exposições realizadas, dá notícia dos projectos em curso e acrescenta uma secção onde se elencam as dissertações e teses realizadas em *museum studies* até 2011. Na mesma lógica se compreende o investimento do mesmo Centro na criação da colecção “Arte e Museus” (2013) publicando dissertações de mestrado.

No caso da Universidade do Porto, este (re)posicionamento é visível, por exemplo, com a criação da série *Ensaaios e Práticas em Museologia* (exclusivamente em formato digital), iniciada em 2011 por Alice Semedo, na altura coordenadora do Mestrado em Museologia desta Universidade, série que se mantém até hoje com periodicidade anual⁸. A maioria dos artigos incluídos

8 | Note-se que antes da série *Ensaaios e Práticas em Museologia* a publicação de artigos com base em estudos desenvolvidos na Universidade do Porto se fazia também através da revista *Ciências e Técnicas do Património* iniciada em 2002 (até 2014).

na primeira edição resultaram de dissertações de mestrado produzidas em 2008 e 2009 nesta Universidade (mas não exclusivamente), afirmando indelevelmente um campo de estudos diverso e em expansão, como atestam as coordenadoras do primeiro volume: «Os diferentes textos mostram bem a diversidade dos tópicos de investigação em museologia e, no seu conjunto, materializam diversas visões e orientações da museologia contemporânea, gizando não só um território de profissionais-em-acção mas promovendo, igualmente, espaços reflexivos e de discussão crítica» (Semedo e Costa 2011, 4). O aparecimento desta série deve ser entendido também numa lógica de continuidade de dinâmicas encetadas pela Universidade em 2009 com a organização do primeiro *Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola (SIAM)* que decorreu entre 12 e 14 de Outubro na Fundação Dr. António Cupertino de Miranda (Porto). A criação de um espaço de divulgação, valorização e reflexão sobre investigação em Museologia aberto também a investigadores dos países de língua espanhola reivindicava, por um lado, o desenvolvimento de uma “comunidade de prática” que, extravasando o contexto nacional, explorava o potencial colaborativo e de reflexão com profissionais e investigadores, que apesar de provenientes de diferentes geografias partilham interesses comuns. Assumindo, desde logo, a existência de «lacunas de investigação nesta área em Portugal mas também [...] [a] necessidade urgente de facilitar a construção de espaços críticos e colaborativos de formação e investigação [...], pelo que o «seminário destinou-se, particularmente, a investigadores e estudantes de formação pós-graduada em nível de mestrado e doutoramento tendo sido apresentado um vasto programa de comunicações e posters de investigadores que representam a riqueza da investigação produzida nas Universidades destes países.» (Se-

medo e Nascimento 2010, 8) Este fórum de discussão deu lugar à publicação de três volumes de actas, esquema colaborativo que foi continuado em anos seguintes (2010, em Buenos Aires; 2011, em Madrid).

O caso da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias também é revelador do (re)posicionamento a que aludimos. Em 2013, os *Cadernos de Sociomuseologia*, revista cujo início remonta a 1993, inicia uma nova série, procurando adaptar-se às orientações internacionais para publicações com carácter científico. Neste sentido foi reformulado todo o processo editorial de forma a corresponder às exigências de indexação e acreditação, adaptação esta que não está desligada de alterações emanadas do contexto nacional como referido antes. Dirigido pelo museólogo Mário Moutinho, este periódico (em formato impresso e digital) estava (ou está) essencialmente direccionado para a divulgação de textos dos alunos e professores (portugueses e brasileiros) ligados aos cursos de pós-graduação em Museologia (mais tarde mestrado e doutoramento) da Universidade, combinando uma miscelânea de textos muito díspar, ora publicações de teses, ensaios, colecções de textos, mas que no global alimenta uma rede estrita e confinada às relações estabelecidas ao nível dos ciclos de formação. A orientação dos textos publicados, embora diversa no âmbito geral, é seguidora do enfoque para uma vertente social da função dos museus e da Museologia que tem sido assumido pela Universidade – abordagem reivindicada como *Sociomuseologia* –, herdando (e actualizando) os princípios promovidos pela *Nova Museologia* dos anos 1970 e 1980, cujas repercussões se fizeram sentir também em Portugal (cf. Carvalho 2015).

É também em 2013⁹ que surge a MIDAS – *Museus e Estudos Interdisciplinares*, uma nova revista (exclusivamente digital) dedicada à Museologia enquanto campo



9 | Podia ainda ser referido o aparecimento da revista *Vox Musei, Arte e Património*, em 2013, mas por ser uma revista de iniciativa brasileira (Universidade Federal do Piauí) não a consideramos no contexto desta resenha. Todavia, é de notar que a sua génese tem presente a colaboração de parceiros universitários em Portugal, como é o caso do CIEBA – Centro de Investigação e de Estudos em Belas Artes da Universidade de Lisboa.

de trabalho e reflexão interdisciplinar, com arbitragem científica, semestral e em acesso aberto¹⁰. Inovadora na sua concepção, parte de uma iniciativa interuniversitária, sendo fundada por Alice Semedo (Universidade do Porto), Paulo Simões Rodrigues (Universidade de Évora), Pedro Casaleiro (Museu de Ciência da Universidade de Coimbra), Raquel Henriques da Silva (Universidade Nova de Lisboa) e Ana Carvalho (Universidade de Évora), aglutinando algumas das principais universidades portuguesas que promovem formação e investigação em Museologia. A assunção da natureza interdisciplinar da Museologia, claramente reivindicada pela MIDAS, vem demonstrar que a discussão sobre o reconhecimento da Museologia como ciência desvaneceu, uma vez que o seu objecto de estudo e respectivas metodologias não correspondem a um critério epistemológico de uma abordagem científica específica e autónoma, mas sim como um domínio de investigações híbrido, heterogéneo e de contornos fluidos (Shiele 2012). E como tal, um domínio que se constrói a partir (ou beneficiando) dos métodos (igualmente fluidos) e teorias de várias disciplinas.

Por outro lado, o modelo em que assenta a MIDAS, pensada desde logo atendendo às orientações mais actualizadas no que se refere aos critérios para as revistas científicas, nomeadamente a indexação nas bases de dados nacionais e internacionais e a gestão de um sistema de avaliação por pares (*peer-review*) sob duplo anonimato, inaugura também uma nova dinâmica com

base em chamadas públicas de angariação de propostas de artigos aberta a toda a comunidade profissional e de investigação. Note-se que a avaliação por pares (apesar das suas fragilidades) é considerada ainda como exigência obrigatória para se alcançar padrões de qualidade e de excelência no contexto da produção científica.

Nestes contornos, o aparecimento da MIDAS vem legitimar e afirmar em Portugal o estatuto de uma comunidade de prática e de investigação para a Museologia¹¹. Além disso, a criação de um periódico nos moldes referidos vem igualmente confirmar a existência de uma massa crítica em crescimento impulsionada pela investigação produzida com o desenvolvimento dos doutoramentos nesta área, alimentados directa ou indirectamente por projectos de doutoramento e (mais recentemente) de pós-doutoramento por via da concessão de bolsas de investigação científica e do financiamento de projectos nos centros de investigação no âmbito dos programas de apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. A impossibilidade de uma carreira em museus, por via do bloqueio à entrada de novos profissionais, que se tornou crónico nos últimos anos, também é um factor que não pode ser ignorado neste contexto e que tem contribuído, de certa maneira, para alavancar a iniciativa de criação de projectos de investigação como via alternativa a uma ligação ao mundo dos museus. No entanto, note-se o decréscimo da oferta de bolsas para investigação científica da Fundação para a Ciência e Tecnologia nos últimos anos, com consequências para uma possível inversão deste ciclo.

A publicação de dissertações e teses tem consubstanciado igualmente um instrumento de divulgação da investigação produzida nesta área, mas tem sido um fenómeno marcado pela oportunidade e pela iniciati-

va de diferentes actores (museus, municípios, centros de investigação, entre outras organizações), não correspondendo a uma estratégia definida para o sector. Destaca-se, todavia, o papel da série “Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas” da responsabilidade da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (com chamada pública de propostas, ou seja, compreendendo um edital e regulamento próprio), contexto que permitiu a publicação de várias teses de doutoramento na área da Museologia provenientes de diferentes universidades, edição que depois de 2011 foi interrompida.

A criação em 2015 da colecção “Estudos de Museus” veio imprimir uma nova dinâmica neste domínio. A intenção de criar a colecção tem pelo menos duas décadas, mas acabou por ter concretização por iniciativa da DGPC, numa configuração específica de intenções. Destina-se à publicação de teses de doutoramento, cujos temas se relacionem com os museus sob tutela deste organismo ou sobre tópicos contemporâneos relacionados com a sua política. Embora não apresente chamada pública de propostas ou regulamento público, a selecção dos títulos a publicar é realizada por um comité editorial externo composto por representantes de diferentes universidades: Alice Semedo (Universidade do Porto), Fernando António Baptista Pereira (Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa), Pedro Casaleiro (Universidade de Coimbra), Raquel Henriques da Silva (Universidade Nova de Lisboa), Vítor Serrão (Universidade de Lisboa) e, ainda, Clara Frayão Camacho, representando a DGPC. O projecto editorial conta com a colaboração de uma editora comercial, a Caleidoscópio, que assegura, entre outros aspectos, a distribuição dos livros no circuito comercial. Foram em 2015 publicados cinco títulos, estando prevista a continuidade regular destas publicações. Quanto aos



conteúdos há a destacar nesta colecção a publicação de estudos que enformam uma Museologia histórica, que tem sido uma tendência dominante no passado, mas também a incorporação de estudos mais centrados sobre a acção contemporânea dos museus e da Museologia, como é o caso de três dos títulos publicados: *Redes de Museus e Credenciação: Uma Panorâmica Europeia*,

10 | Sobre o panorama internacional, consultar Lorente (2013), que fez um levantamento das revistas dedicadas à Museologia.

11 | Não significa, porém, que antes da MIDAS não se publicassem artigos sobre Museologia e museus em revistas científicas, nomeadamente em áreas disciplinares estabelecidas como a Antropologia, a Sociologia, a História, etc.

de Clara Frayão Camacho, *Criatividade nos Museus: 'Espaços Entre' e Elementos de Mediação*, de Inês Ferreira e *Museus e Diversidade Cultural: Da Representação aos Públicos*, de Ana Carvalho.

Uma nota para assinalar dinâmicas assumidas pelos organismos tutelares de museus ao nível das edições técnicas. Neste contexto destacam-se a série “Temas de Museologia”, onde se inclui a publicação de *Museus e Acessibilidade* (Instituto Português de Museus, em 2004), *Circulação de Bens Culturais Móveis* (Instituto Português de Museus, em 2004), *Plano de Conservação Preventiva: Bases Orientadoras, Normas e Procedimentos* (Instituto dos Museus e da Conservação, em 2007), as normas gerais de inventário, com títulos publicados desde os finais da década de 1990 e ao longo primeira década de 2010, e outros títulos de sistematização das estatísticas sobre museus ou iniciativas editoriais associadas a projectos como a RPM.

Além do que já foi referido, um outro meio de divulgação que merece referência é a edição de actas de encontros e conferências nesta área. Difícil de categorizar ou enquadrar, são edições marcadas pelos contextos específicos que lhes deram origem e pela diversidade de actores que as concretizaram, mas tem constituído um instrumento de assaz divulgação, tanto de projectos e experiências museológicas, como de algum pensamento ou posicionamento sobre o sector.

Com efeito, publicações como *Iniciação à Museologia* não abriram caminho ao desenvolvimento de uma linha de estudos museológicos de contornos aproximados à série *Museum Meanings* da editora inglesa Routledge, por exemplo. No que respeita à tradução, este é um terreno também pouco explorado (ou mesmo inexistente) em Portugal, quando comparado com o caso espanhol, onde é frequente a tradução de obras estrangeiras no campo da Museologia, para além da edição

de publicações de origem nacional, onde se incluem dinâmicas assinaláveis através de editoras como a Akal, a Ariel ou a Trea.

Para além das edições de carácter mais formal, é de notar também a ausência de maior dinamismo no que se refere a espaços de opinião emanados da comunidade profissional e de investigação. À excepção de alguns casos, por via de blogues, onde se assinalam *Musing on Culture*, de Maria Vlachou – de que resultou a publicação do livro homónimo em 2013 –, *No Mundo dos Museus*, de Ana Carvalho, *Mouseion*, de Alexandre Matos, e mais recentemente *a.muse.arte* de Maria Isabel Roque, ou ainda de esparsos artigos em jornais, este é ainda um campo tímido de expressão e intervenção pública.

Por tudo o que foi referido, retomamos a afirmação inicial, de que efectivamente se denota uma evolução neste campo, com sinais evidentes de transformação do sector e com a emergência de sinais positivos no panorama editorial. No entanto, e apesar de algum optimismo, este percurso padece de estrangimentos estruturantes (ou desestruturantes) mais latos que o condicionam. Entre eles a ausência de uma política museológica sustentada num tempo mais longo, e consequente investimento em termos de recursos humanos e financeiros. Por sua vez, o desafio de uma articulação mais concertada entre o campo profissional e o académico no que concerne à formação e à investigação. E, finalmente, a necessidade de se imprimir maior activismo associativo com vista ao fortalecimento de um espaço comprometido de intervenção pública apostado na melhoria das condições de trabalho *per se* e na prestação de um serviço de museus que ultrapasse os limites mínimos de funcionamento no sentido de se fazer caminho para uma efectiva democratização dos museus. *cm*

Referências

- CAMACHO, Clara Frayão. 2007. “Editorial.” *Museologia.pt* 1 (Maio): VI–VII.
- CARVALHO, Ana. 2015. “Decifrando Conceitos em Museologia: Entrevista com Mário Caneva Moutinho.” *Museologia & Interdisciplinaridade* 4 (8): 252–69. <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/15824>.
- GARRIDO, Álvaro. 2015. “Editorial.” *Argos* 3 (Outubro): 5.
- LORENTE, Jesús-Pedro. 2013. “Las Revistas Museológicas en la Actualidad: Una Panorámica Global.” *MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares* 1. doi:10.4000/midas.156.
- NEVES, José Soares, Jorge Alves Santos, e Maria João Lima. 2013. *Panorama Museológico em Portugal* (2000-2010). Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural.
- PEREIRA, Benjamin. 1989. “Ernesto Veiga de Oliveira e o Museu de Etnologia.” In *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*, editado por Fernando Oliveira Baptista et al., 555–568. Lisboa: INIC. Centro de Estudos de Etnologia.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. 1993. “O Porquê e o Como.” In *Iniciação à Museologia*, coordenado por Maria Beatriz Rocha-Trindade, 17–18. Lisboa: Universidade Aberta.
- SEMEDO, Alice, e Elisa Noronha Nascimento, coord. 2010. “Apresentação.” In *Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*, 8–9. Vol. 1. Porto: Universidade do Porto.
- SEMEDO, Alice, e Patrícia Costa, eds. 2011. “Apresentação.” In *Ensaio e Práticas em Museologia*, 4. Porto: Universidade do Porto.
- SEMEDO, Alice. 2004. “Estratégias Museológicas e Consensos Gerais.” In *Museus do Eixo Atlântico*, coordenado por Mário Brito e José Cuñarro, 5–32. Vigo: Eixo Atlântico.
- SHIELE, Bernard. 2012. “La Muséologie: Un Domaine de Recherches.” In *La Muséologie, Champ de Théories et des Pratiques*, editado por Anik Meunier, 79–100. Québec: Presses de l’Université du Québec.
- VAQUINHAS, Irene. 2013. “A Museologia Como Campo de Estudo nas Universidades Portuguesas: Esboço de Evolução, Pertinência e Atualidade.” *MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares* 1. doi:10.4000/midas.142.

A autora

Ana Carvalho, doutora em História e Filosofia da Ciência – especialização em Museologia – e mestre em Museologia pela Universidade de Évora. Publicou *Os Museus e o Património Cultural Imaterial: Estratégias para o Desenvolvimento de Boas Práticas* (Colibri, 2011), *Museus e Diversidade Cultural: Da Representação aos Públicos* (Direção-Geral do Património Cultural e Caleidoscópio, 2016) e organizou a publicação digital *Participação: Partilhando a Responsabilidade* (Acesso Cultura, 2016). Autora do blogue *No Mundo dos Museus* e editora do boletim do ICOM Portugal (2014-2017). Actualmente é investigadora de pós-doutoramento no Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS) da Universidade de Évora, com uma bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), e faz parte da equipa da Cátedra UNESCO em Património Imaterial da mesma Universidade. A autora investiga as implicações das orientações da UNESCO para o Património Cultural Imaterial no contexto das políticas nacionais e locais, em particular a partir da perspectiva dos museus. É uma das fundadoras da revista *MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares*, juntamente com Alice Semedo, Paulo Simões Rodrigues, Pedro Casaleiro e Raquel Henriques da Silva, desempenhando actualmente a função de coordenadora executiva.